

## As filhas da guerra: a discursivização digital dos traumas do Holocausto

*The daughters of war: the  
digital discursivization of the  
Holocaust traumas*

Fábio Ávila ARCANJO (UFMG)  
[fabioarcanjo1981@hotmail.com](mailto:fabioarcanjo1981@hotmail.com)

Recebido em: 27 de jan. de 2021.  
Aceito em: 09 de jun. de 2021.

ARCANJO, Fábio Ávila. As filhas da guerra: a discursivização digital dos traumas do Holocausto. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 3, e2235, p. 413-429, set.-dez./2021. DOI: 10.22168/2237-6321-32235.

**Resumo:** O presente artigo tem o intuito de analisar a primeira temporada do *podcast Projeto Humanos*, desenvolvido pelo pesquisador e influenciador digital Ivan Mizanzuki. Intitulada *As filhas da guerra*, tal temporada é dividida em cinco episódios, que versam sobre a trajetória de Lili Jaffe, sobrevivente dos campos de concentração de Auschwitz e Bergen-Belsen. Nosso objetivo, ao entrecruzar aportes teóricos da análise do discurso digital (DIAS, 2018) e da teoria do testemunho, com destaque para a representação discursiva do trauma (SELIGMANN-SILVA, 2008), é problematizar as potencialidades da mídia *podcast* (FREIRE, 2017) no procedimento de discursivização digital do Holocausto. Para tanto, analisamos as estratégias discursivas empregadas nos episódios de *As filhas da guerra*, partindo do princípio de que o *podcast* é uma mídia que amplia as possibilidades de representação de acontecimentos históricos e ainda pode propiciar recursos relevantes para atividades a serem desenvolvidas em âmbito pedagógico.

**Palavras-chave:** Shoah. Trauma. Podcast. Testemunho.

**Abstract:** This article aims to analyze the first season of the podcast Projeto Humanos, developed by researcher and digital influencer Ivan Mizanzuki. Titled *The daughters of war*, this season is divided into five episodes, which deals with the trajectory of Lili Jaffe, a survivor of the Auschwitz and Bergen-Belsen concentration camps. Our objective, when we connect theoretical contributions of the analysis of digital discourse (DIAS, 2018) and the theory of testimony, highlighting the discursive representation of trauma (SELIGMANN-SILVA, 2008), is to problematize the potentialities of podcast media (FREIRE, 2017) in the process of digital discursivization of the Holocaust. To this end, we will analyze the discursive strategies employed in the episodes of *The daughters of war*, assuming that the podcast is a media that expands the possibilities of representing historical events and can also provide relevant resources for activities to be developed in a pedagogical context.

**Keywords:** Shoah. Trauma. Podcast. Testimony.

## Introdução

Dominique Maingueneau (2015) aponta que as modalidades tradicionais de exercício do discurso sofreram modificações significativas com as novas tecnologias da comunicação, que trouxeram inovadoras práticas pertencentes ao universo digital. O marco temporal estipulado pelo pesquisador francês é o final do século XX, em que novos termos – aplicativos, *blogs*, curtidas, – e outros, nem tão recentes assim, porém ressignificados – perfil, postagem – ganham notoriedade, sendo incorporados em estudos de casos, modificando, assim, as categorias analíticas a serem utilizadas por pesquisadores do discurso.

Para o presente artigo, voltaremos o olhar para um particular produto desse universo digital: o *podcast*, mídia que se caracteriza pelo “modo de produção/disseminação livre de programas distribuídos sob demanda e focados na reprodução da oralidade, também podendo veicular músicas/sons” (FREIRE, 2013, p. 47). É válido notar que essa tecnologia da oralidade (FREIRE, 2013) alcançou um notório sucesso, pensando em âmbitos nacionais, no interior da chamada cultura *nerd*.

Entre os inúmeros *podcasts* produzidos no Brasil, vale destacar aqueles que são desenvolvidos pelos sites *Jovem Nerd*, *Cinema com rapadura* e *Anticast*. Este último, vale ressaltar, se revela importante em nosso projeto de escritura, por ser organizado por Ivan Mizanzuki, pesquisador e doutor em tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Mizanzuki é também responsável pelo *podcast Projeto Humanos*, uma ramificação do *anticast*, cuja primeira temporada – *As filhas da guerra* – será problematizada ao longo de nosso artigo.

Com seus primeiros passos sendo dados em 2015, *Projeto Humanos* nos apresenta a trajetória de Lili Jaffe, judia iugoslava, que

conheceu os horrores dos campos de extermínio de Auschwitz e Bergen Belsen, nos anos de 1944 e 1945. Essa temporada inaugural é dividida em cinco capítulos, sempre trazendo as falas de Lili Jaffe, permeadas por pontuais participações de suas filhas Noemi e Stela, além de contar com a presença de Carlos Reiss, diretor do principal museu brasileiro do Holocausto – e um dos maiores da América Latina –, localizado em Curitiba.

A estruturação de *As filhas da guerra*, de certa forma, é canônica, se pensarmos na fortuna crítica solidificada em diversas obras calcadas no testemunho de sobreviventes dos campos. O primeiro capítulo narra o início da ameaça, seguido pela deportação e horrores vivenciados em Auschwitz, culminando no fim da guerra e na necessidade de se readequar frente aos traumas vivenciados. O quarto capítulo é metalinguístico, por ser fundamentado no procedimento de elaboração dos testemunhos. Aqui, temos uma fricção entre os depoimentos oferecidos pelos sobreviventes e aqueles que são disponibilizados por gerações futuras, havendo, nessa dinâmica, um processo de deslizamento do trauma. Por fim, no derradeiro capítulo, somos levados a refletir a respeito das implicações desse evento limite (AGAMBEN, 2008), considerando possíveis condições para repetições e maneiras de interditar a inscrição de regimes totalitários.

Embora seja uma estruturação tradicional, pensando principalmente na literatura de testemunho, o diferencial do trabalho de Ivan Mizanzuki está relacionado às potencialidades oferecidas pela mídia *podcast*, com destaque para a inserção de trilhas; áudios originários de documentários e reportagens; fricção de depoimentos; e direcionamento narrativo como efeito da utilização da *voice over*. Esses aspectos serão mais bem analisados no decorrer do artigo. Contudo, antes de partirmos para examinar essas especificidades, faremos uma discussão a respeito das origens da mídia *podcast* e seu potencial de inscrição em métodos pedagógicos, além de sua inserção nos chamados modos de representação discursiva da *Shoah*, pensando nos três momentos do processo de produção dos discursos – *constituição, formulação e circulação* (DIAS, 2018).

### **Algumas palavras sobre a mídia Podcast**

Eugênio Freire (2017), em artigo direcionado para analisar o *podcast* como a materialização de uma tecnologia voltada para fins

educacionais, chama a atenção para o fato de que esse tipo de dispositivo “realizou um percurso intencionalmente em favor da liberdade, da cessão da voz a seus usuários e da construção conjunta do conhecimento em seu entorno” (FREIRE, 2017, p. 63). No texto supracitado, o autor constrói um percurso diacrônico, cujo mote é resgatar as origens dessa *tecnologia livre* (FREIRE, 2017), tanto nacionalmente quanto em âmbito internacional.

Em 2004, dois importantes nomes, o programador David Winer e o antigo apresentador da MTV americana Adam Curry, impulsionam o desenvolvimento dessa mídia, mediante a disponibilidade de uma série de ferramentas digitais. Em texto referenciado em nosso artigo, somos apresentados a Mark Vallet, que destaca o trabalho de Curry e Winer, desenvolvedores do chamado *enclosure*, cujo mote era possibilitar a incorporação de arquivos de áudio digitais para o formato MP3 no sistema Really Simple Syndication<sup>1</sup> (RSS).

O passo decisivo para a formatação da mídia analisada em nosso texto, segundo Freire (2017), acontece em 2005, quando o programa *itunes*<sup>2</sup>, da multinacional *Apple*, passou a agregar os *podcast* em sua plataforma. Conferindo um salto no tempo, os *podcasts*, atualmente, são disponibilizados em sites dos criadores de conteúdo e nos chamados aplicativos de áudio – uma evolução do antigo *itunes* –, como *Spotify*, *Deezer* e *Amazon Music*. O ponto fulcral, defendido por Eugênio Freire, diz respeito à liberdade e à pluralidade de vozes que inscrevem o *podcast* na condição de propiciador do “exercício democrático [sendo] apto a promover o encontro das falas e ideias de seus participantes nos mais diversos cenários” (FREIRE, 2017, p. 63).

A questão a ser desenvolvida é: em âmbito nacional, como se deu a formatação e desenvolvimento dos *podcasts*? Novamente precisamos recorrer aos postulados oferecidos por Eugênio Freire, que elencou o ano de 2008 como o mais relevante para a história dessa mídia no Brasil. E isso se deve pelo fato de que houve a inclusão da categoria melhor *podcast* nas premiações *IBest* e *Best Blogs Brasil*.

<sup>1</sup> O sistema RSS foi desenvolvido, inicialmente, para os antigos *blogs*, isto é, em um momento inicial, esse tipo de sistema era de uso exclusivo dos textos escritos. Segundo Freire (2017), esse sistema foi criado em 1999 por três desenvolvedores: Dan Libby, Ramanathan V. Guha e David Winer. Essa ferramenta “tornava possível que o leitor recebesse automaticamente o conteúdo do blog assinado assim que este fosse atualizado” (FREIRE, 2017, p. 60).

<sup>2</sup> “[...] *software* cuja função é atuar como um portal de conteúdo em áudio” (FREIRE, 2017, p. 62).

O *podcast* tornou-se desde então uma tecnologia de largo crescimento. Essa expansão, como relata Paula (2010, p. 43), “pode ser demonstrada através do número de ocorrências em mecanismos de busca na internet”. Enquanto, em 2005, conforme dados trazidos por Medeiros (2005), o mecanismo de buscas *Google* registrava 32.400.000 ocorrências de páginas em uma pesquisa por “*podcast*”, em outubro de 2015, uma pesquisa pelo termo retornava 231.000.000 páginas, das quais 9.380.000 eram apresentadas em língua portuguesa. Os números apresentados ressaltam a vasta dimensão ocupada pelo *podcast* no Brasil (FREIRE, 2017, p. 64).

Em vista desse grande crescimento no Brasil, dois movimentos se fazem significativos: o primeiro é a formação da chamada *podosfera*, que funciona como uma espécie de comunidade de *podcasts*, trazendo programas de variados temas, originários de diversas partes do país. O segundo movimento, mais recente, diz respeito à incorporação dos *podcasts* pela grande mídia. Em decorrência disso, é possível escutar programas de televisão e de rádio, adaptados para o formato *podcast*, o que possibilita um maior acesso a esses programas, passíveis de serem escutados sem a necessidade de um acompanhamento *ao vivo*.

Vale destacar ainda, e isso é um ponto-chave levantado pelo texto de Eugênio Freire (2017), as possibilidades pedagógicas oferecidas por essa mídia. O pesquisador brasileiro atesta que tais possibilidades ainda não se encontram devidamente exploradas no Brasil. Para ele,

essa circunstância exacerba o pouco aproveitamento pela educação formal de uma tecnologia de oralidade que pode propiciar um aporte significativo para a melhoria das práticas pedagógicas, algo especialmente válido em razão do forte teor oral da cultura do país (FREIRE, 2017, p. 65).

Diante disso, à guisa de conclusão do tópico, se faz pertinente discutir como os *podcasts* carregam consigo um acentuado potencial pedagógico. Para tanto, apresentemos o trabalho da linguista brasileira Cristiane Dias (2018), especialista na chamada Análise do Discurso Digital. Para a autora,

A tecnologia digital como condição de produção do ensinar e aprender compreende o fato de que o conhecimento se produz em redes de acesso, em que a conectividade, a velocidade, a personalização (seu jeito de aprender) (ou uniformização?) e a organização horizontal das coisas-a-saber (clique na aba edu e escolha as aulas) são determinantes (DIAS, 2018, p. 141).

Cristiane Dias (2018), no excerto anterior, faz menção a um canal no *YouTube* intitulado *Edu*, que possibilita aos usuários ter acesso

a uma gama de disciplinas cuja principal característica é emular o conteúdo disponibilizado tradicionalmente nas escolas. É justamente essa espécie de emulação que recebe o nome de *articulação horizontal do conhecimento*, pautada em uma postura menos participativa do estudante no processo pedagógico. Isso se deve ao fato de que aqueles que acessam tais vídeos têm como única incumbência receber aqueles conteúdos, sem a possibilidade de co-construção do conhecimento.

Segundo Dias (2018), há, nessa estratégia, um descolamento desprovido de deslocamento. Atualmente, em função da pandemia da COVID-19, percebemos esse fenômeno em escala exponencial, com a multiplicidade de plataformas – *Zoom, Microsoft Teams, Google Meet* –, operacionalizadas para atender à enorme demanda do ensino remoto. Não há, aqui, uma crítica ao uso dessas ferramentas, já que o isolamento social impeliu os profissionais da educação a adotar novas possibilidades de ensino. A questão que se coloca diz respeito à limitação dessa horizontalidade na articulação do conhecimento. Vejamos sua aplicação na mídia analisada em nosso artigo.

Para ilustrar os conhecimentos transmitidos em aulas de história voltadas para lidar com a Segunda Guerra Mundial e os horrores cometidos pela Alemanha do *Terceiro Reich*, *podcasts* como o *Projeto humanos* se configuram como boas fontes de pesquisa, levando os alunos a terem acesso a uma plataforma de aprendizado diferente e instigante. Contudo, pedir aos alunos para, simplesmente, escutar o *podcast* se configuraria em uma *articulação horizontal do conhecimento*, construindo apenas um descolamento das condições de produção do ensino.

Parece-nos mais produtor, por intermédio da apresentação dos *podcasts* como instrumento de ensino, levar o aluno a obter uma atitude mais proativa frente a essa tecnologia, abrindo condições para o desenvolvimento de uma *articulação vertical do conhecimento*. Para Dias (2018), estamos diante de um

processo de metaforização em que o digital e o processo de ensino-aprendizagem se perturbam para produzir outros processos de significação para o conhecimento, a escola, a aprendizagem, numa “articulação vertical” capaz de deslocar as significações. Com isso, não se corre o risco de significar o ensino, a Educação pelo digital, numa articulação horizontal dos sentidos, que coloca o sujeito num espaço estabilizado... (DIAS, 2018, p. 150).

Como fazer para acionar a *articulação vertical*, pensando na mídia *podcast* e no tema trabalhado pela temporada *As filhas da*

guerra do projeto humanos? Os alunos podem, por meio das devidas apresentações das potencialidades da mídia em questão, ser levados a organizar seus próprios *podcasts*, lidando com temáticas similares ao que foi desenvolvido por Ivan Mizanzuki. Uma atividade instigante, por exemplo, seria entrevistar pessoas que sofreram com os horrores da ditadura brasileira, amparando as interações com a participação de professores e pesquisadores. No campo dos estudos relacionados à *Shoah*, embora mais difícil, os hipotéticos alunos poderiam ser instigados a tentar localizar sobreviventes que residem no Brasil, com a finalidade de instigá-los a desenvolver o trabalho de escuta. Novamente, professores e pesquisadores podem contribuir nessa empreitada. Como consequência disso, temos a possibilidade de descolamento desse espaço estabilizado (DIAS, 2018), por intermédio da “cessão de voz a Sujeitos, que por razões econômicas e seus típicos desdobramentos hierárquicos, costumam estar à margem da expressão social ampliada pelas tecnologias” (FREIRE, 2013, p. 147).

### **A discursivização da Shoah**

Existem diversas formas de discursivizar um evento traumático. Pensando na *Shoah* como o evento traumático por excelência do século XX, é possível perceber uma série de projetos de representação que elencaram o extermínio programático operado pelos alemães como temática central. A variedade de suporte desses projetos chama a atenção, incluindo: histórias em quadrinhos; cinema, que contempla tanto a orientação ficcional quanto o gênero documental; teatro; poesia; música, entre outras possibilidades.

Entretanto, todos esses suportes apresentados, a nosso ver, são condicionados ao modo canônico de discursivização da *Shoah*: estamos falando da literatura de testemunho, cujos primeiros passos foram dados por nomes como Primo Levi (*É isto um homem*), Elie Wiesel (*A noite*) e Robert Antelme (*A espécie humana*). O distanciamento temporal entre acontecimento vivenciado e acontecimento rememorado, levando em consideração as obras supracitadas, é mínimo, o que justifica o fato de estarmos diante da tríade inaugural da rememoração testemunhal, influenciadora de inúmeros projetos de escritura. Diante do exposto, o conceito de testemunho, caracterizado por Márcio Seligmann-Silva (2008) como um abarcador de aporias, acaba sendo fundamental:

Todo testemunho é único e insubstituível. Esta singularidade absoluta condiz com a singularidade da sua mensagem. Ele anuncia algo excepcional. Por outro lado, é esta mesma singularidade que vai corroer sua relação com o simbólico. A linguagem é um constructo de generalidades, ela é feita de universais. O testemunho como evento singular desafia a linguagem e o ouvinte. Sabemos que a fragmentação do real, o colapso do testemunho do mundo, como vimos, emperra sua passagem e tradução para o simbólico (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 72).

Na esteira desse pensamento, Jaime Ginzburg (2008) estabelece um condicionamento da concepção da linguagem – no que tange à representação discursiva da *Shoah* – como um campo inscrito na ordem do trauma. Vêm daí as ideias de *fragmentação* e *colapso*, de que nos fala Márcio Seligmann-Silva (2008), que emperram a tradução e passagem para o simbólico. O que se quer dizer, e isso é notado no testemunho de Lili Jaffe, é que a rememoração testemunhal possui uma ontológica inscrição do trauma, ao mesmo tempo em que ela emerge em um cenário de necessidade de fala, já que os sobreviventes dos campos de concentração, em sua grande maioria, se colocam na posição de porta vozes daqueles que sucumbiram frente à máquina de morte do regime nazista. Para Primo Levi (2004, p. 14), “a história dos lager foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como eu próprio, não tatearam seu fundo. Quem fez não voltou, ou então sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento...”.

Um ponto interessante a ser levantado diz respeito ao fato de que a *Shoah* possui uma *singularidade absoluta*. A implicação disso é uma espécie de cisão temporal, cuja principal implicação é o ineditismo da mensagem veiculada pelos sobreviventes. Vale lembrar que, em função dessas caracterizações, os testemunhos, pelo menos inicialmente, não tiveram “terreno fértil”, isto é, eles não foram bem recepcionados. As razões para tanto estariam relacionadas à ordem do conteúdo – insuportável, em um cenário de valorização do otimismo, pelo fim da guerra – e inconcebível, pelo requinte de crueldade apresentado pelos nazistas.

Corroborando com o que foi apresentado em linhas anteriores, a linguista francesa Yana Grinshpun (2019) afirma que

os primeiros testemunhos dos sobreviventes dos campos da morte não foram compreendidos e foi preciso esperar pelos anos 1960, notadamente através de Elie Wiesel, para que o ocidente comece a falar das vítimas da *Shoah* (GRINSHPUN, 2019, p. 3, tradução nossa<sup>3</sup>).

<sup>3</sup> No original: “*Les premiers témoignages des rescapés des camps de la mort n’ont pas été entendus et*

Acreditamos ser a oportunidade para apresentar aquilo que Cristiane Dias (2018) caracteriza como os três momentos do processo de produção dos discursos – *constituição*, *formulação* e *circulação*. Considerando esse ponto, é notória a diferença entre a literatura de testemunho e a discursivização da *Shoah* operada pela tecnologia digital, mais especificamente pelos *podcasts*. A justificativa para trabalhar esses momentos de produção discursiva tem relação com o que foi explanado por Yana Grinshpun (2019), já que a dificuldade de entrada da rememoração testemunhal, na segunda metade da década de 1940 e na década seguinte, se deve à lógica de funcionamento do momento da *circulação*.

É importante destacar que essa dimensão tripartite não permite o descolamento singular de cada momento, o que faz com que eles estejam amalgamados. Contudo, existe a proeminência, nos atendo ao universo tecnológico vivenciado na contemporaneidade, da *circulação*, já que é por ela que o digital se formula e se constitui (DIAS, 2018). Então, “olhar o processo de produção dos discursos pela via da circulação tem a ver com um sentido que se produz no efêmero, no agora. É esse modo de existência dos discursos que se impõe ao pensarmos sua constituição” (DIAS, 2018, p. 29).

Quando pensamos no procedimento de rememoração testemunhal, é preciso levar em consideração a dinâmica de fricção existente entre duas construções dêiticas: *eu estava lá* e *eu aqui e agora*. Isso é importante se nos ativermos na primeira informação presente no fragmento destacado da obra de Seligmann-Silva (2008): o testemunho é intrasferível. Em vista disso, há aquele sujeito experienciador de um acontecimento traumático e o sujeito que rememora essas vivências, o que dá origem a outro acontecimento, que pode ser adjetivado como desdobrado. O saldo existente entre essas duas relações dêiticas se inscreve na ordem da *formulação* e *constituição* do testemunho.

A circulação, por seu turno, está vinculada à abrangência e veiculação desse testemunho. Seria, portanto, relacionada à ordem do suporte. Para o gênero literatura de testemunho, sedimentado na segunda metade da década de 1940, foi preciso encontrar uma editora que se prontificasse a publicar os relatos. Essa editora precisaria, por conseguinte, lançar a obra e divulgar para o público, que compraria o hipotético livro. Além disso, é preciso enfatizar que a *circulação*, nesses moldes, é limitada, pois está condicionada à quantidade de exemplares colocados à venda e ao número de edições oferecidas.

---

*il a fallu attendre les années 1960 et notamment Elie Wiesel pour que l'Occident commence à parler des victimes de la Shoah*” (GRINSHPUN, 2019, p. 3).

Quando falamos de nomes como Primo Levi, Robert Antelme, Elie Wiesel, o que temos é uma quantidade significativa de exemplares de suas respectivas obras, o que contribuiu para a sistematização do gênero literário analisado nesse tópico. Contudo, essa limitação do suporte acaba, de alguma forma, silenciando outras trajetórias, em função de condições financeiras, limitação de rede de contatos, e, por que não dizer, desinteresse por parte daqueles que detinham os meios de distribuição.

Eis um ponto problematizado por Michael Pollak (1990) que possui plena relação com a rememoração testemunhal de Lili Jaffe: “a constatação de que as mulheres deixaram muito menos testemunhos do que os homens” (POLLAK, 1990, p. 22, tradução nossa<sup>4</sup>). A que se deve isso? Uma potencial chave de resposta passa pela limitação dos modelos de circulação de outrora e que, com o advento das inovações tecnológicas contemporâneas, modificam a constituição e formulação dos sentidos. Esse é um ponto que será mais bem trabalhado no próximo tópico.

### **A organização discursiva de *As filhas da guerra***

422

*As filhas da guerra* traz consigo algumas questões a serem analisadas: em primeiro lugar, estamos diante de um programa, pertencente a um *podcast* que, de acordo com seu idealizador, é voltado para narrar histórias reais sobre pessoas reais. Além disso, “*Projeto Humanos* é um *podcast* que visa apresentar histórias íntimas de pessoas anônimas” (MIZANZUKI, 2015). Temos, aqui, uma plena consonância com o que foi problematizado por Michael Pollak (1990). Em segundo lugar, é válido examinar o processo de constituição e formulação desse *podcast*, pois, aqui, iremos compreender melhor as estratégias discursivas utilizadas por Ivan Mizanzuki.

O ponto a ser discutido para dar seguimento a essa análise é que a inovação tecnológica possui plena implicação nesses momentos discursivos da *formulação* e *constituição*. Podemos pensar que o primeiro elemento se constitui mediante o projeto de fala daquele que se propõe a discursivizar eventos traumáticos como a *Shoah*. Para esse empreendimento, é preciso levar em consideração os imaginários circulantes, as crenças e os valores preconizados. A palavra-chave para definir essa conjunção de elementos é *temporalidade*. O *podcast* é

<sup>4</sup> No original: “*Le constat que les femmes ont laissé nettement moins de témoignages que eles hommes...*” (POLLAK, 1990, p. 22).

um produto de seu tempo, e, claro, Ivan Mizanzuki é alguém situado nesse tempo, condicionado às suas variantes e às “novas tecnologias de linguagem [que] representam uma possibilidade de reorganização do trabalho intelectual e do trabalho de interpretação” (DIAS, 2018, p. 37).

Ao se propor a lidar com a temática da *Shoah*, o criador do *Projeto Humanos* precisou examinar uma vasta fortuna crítica, acessando obras, tanto historiográficas quanto testemunhais, voltadas para esse assunto. Além disso, o criador de conteúdo procurou especialistas – Carlos Reiss (diretor do Museu do Holocausto de Curitiba) e Filipe Figueiredo (historiador e responsável pelo *podcast Xadrez Verbal*) –, com a finalidade de trazer uma maior gama de conhecimentos para quem escuta seu programa. E é justamente nesse ponto que se percebe a contribuição da inovação tecnológica, uma vez que a mídia *podcast* permite a integração desses especialistas no fio do discurso e, nesse ponto, já estamos falando da *constituição*.

*As filhas da guerra* traz em seus cinco episódios uma espécie de diálogo entre diversas instâncias. Antes de apresentá-las, é preciso levar em consideração, e isso foi falado ao longo de nosso texto, a filiação que esse programa possui com o gênero literatura de testemunho, já que o gatilho para a elaboração do programa é o livro de Noemi Jaffe – *O que os cegos estão sonhando?* –, que traz os diários de sua mãe e algumas reflexões a respeito daquilo que está contido nas memórias de Lili Jaffe.

Decidi manter aspectos particulares da escrita de minha mãe no diário, para preservar a espontaneidade e a intensidade com que ele foi escrito, daí o uso peculiar, muitas vezes, das concordâncias de gênero e número. Sua intenção, na Suécia, foi a de relatar os acontecimentos não como se eles tivessem sido escritos *a posteriori* – como de fato foram – mas para dar a sensação de que eram narrados enquanto estavam sendo vividos (JAFFE, 2019, p. 8).

Há alguns fatores a serem destacados: em primeiro lugar, a estratégia de Lili Jaffe primava em conferir um efeito de urgência nos relatos, construindo um apagamento entre o passado vivenciado e o presente enunciado. Além disso, há os travamentos, as imprecisões no que tange às datas e acontecidos, que marcam a inscrição do trauma, já que, conforme apontamos, há uma ontológica limitação da linguagem. Noemi Jaffe (2019) afirma ter escolhido preservar as pequenas confusões com a finalidade de ser fiel ao projeto de escritura empreendido por sua mãe. Vale destacar que essas imprecisões e esses travamentos são preservados na cena de interação construída pelo *podcast*. Mas antes

de partirmos para o aprofundamento do programa em si, julgamos interessante apresentar uma reflexão oferecida por *O que os cegos estão sonhando?*

Um trem. Um pai. Uma mãe. Um irmão. Uma tia louca. Dois sobrinhos pequenos. Um casaco que não consegue esconder os sobrinhos. Dois joelhos. Uma pedra. Pronto. Tudo esquecido. Tudo esquecido. A memória está cheia, pronta para esquecer (JAFFE, 2019, p. 179).

No fragmento supracitado, somos levados ao entendimento de que as pessoas que foram apresentadas sucumbiram frente à máquina de morte nazista. É pertinente notar a estratégia adotada por Noemi Jaffe que é a de emular a estruturação do discurso testemunhal, marcado pela justaposição de ideias, em que vemos uma “sintaxe reduzida a sua expressão mais simples, desprovida de subordinções e enraizada na justaposição que propicia a utilização frequente do ponto e vírgula” (AMOSSY, 2004, p. 4, tradução nossa<sup>5</sup>). Outro elemento notado no fragmento é a despersonalização. As pessoas não são identificadas, são meros objetos, fadados à destruição por um estado de coisas devastador.

O que podemos notar é que o livro de Noemi Jaffe é uma instância, de certa forma, inauguradora, isto é, motivadora para o projeto de fala de Ivan Mizanzuki. Mas há outros elementos interessantes de serem analisados, como a construção de uma cena de interação junto à Lili Jaffe.

Estou no bairro de Higienópolis em São Paulo. Acabei de descer do avião há menos de uma hora. Não chove, mas o céu insiste em dizer que quer. Ao descer do táxi, olho para a rua e noto um pai e seus dois filhos. Todos trajando as roupas que condizem com o código de vestimenta ortodoxa judaica. Deve ser aqui, penso. E estou certo. Ao passar pela portaria, noto outra mulher, também roupas típicas, cuidando de um bebê. Quando subo para o apartamento, sou recebido pela minha amiga, escritora Noemi Jaffe, com quem já conversei no Anticast, sua irmã Stela e sua mãe Lili. E é com ela que vim conversar (MIZANZUKI, 2015).

Com essa introdução, o pesquisador brasileiro consegue traçar uma descrição vívida a respeito da cena de interação, no que diz respeito ao espaço físico e à construção das imagens daqueles que irão compor a cena. Até aí, nada muito específico, no que diz respeito ao uso das ferramentas digitais concernentes à mídia *podcast*. Isso se

<sup>5</sup> No original: “[...] *syntaxe réduite à sa plus simple expression, dépouillée de subordinées et axée sur la juxtaposition que favorise l’utilisation fréquente du point-virgule*” (AMOSSY, 2004).

modifica quando, no decorrer da entrevista com Lili Jaffe, temos uma interação que se apresenta mediante uma justaposição, no momento em que Ivan Mizanzuki traz o diretor do Museu do Holocausto de Curitiba, Carlos Reiss. A conversa entre os dois se dá por telefone e funciona, e isso ocorre ao longo de todos os episódios, como um argumento de autoridade, não para confrontar aquilo que é proferido por Lili Jaffe, mas para oferecer um olhar mais vinculado à visada historiográfica.

Conforme apontamos anteriormente, a estruturação de *As filhas da guerra* se dá por justaposição de depoimentos, sendo o elemento marcador de transição a trilha sonora. No primeiro episódio, temos duas instâncias: a participação de Noemi Jaffe no programa do apresentador Jô Soares, quando a escritora foi divulgar seu livro *O que os cegos estão sonhando?*, com algumas passagens dessa conversa sendo disponibilizadas ao ouvinte; e o início de um clipe de áudio, apresentando locuções antigas e mantendo os sons consequenciais ao atentado contra o rei Iugoslavo Alexandre I, aquando de sua visita à cidade de Marselha. Essa inserção é interessante por evocar uma relação identitária, já que Lili Jaffe é fruto desse turbulento país.

Outra inserção significativa, que pontua todos os cinco episódios, se dá pela leitura do diário de Lili Jaffe: “Chegamos às 11h, com nossas bagagens nas costas, cansados. Andamos cinco quilômetros dentro da cidade. Horrível. Velhos e crianças choram, pedem ajuda, em vão” (MIZANZUKI, 2015). Na estruturação sintática, detecta-se, em adição à justaposição de enunciados, a discursivização do procedimento de desumanização. Vale ser destacada, ainda, uma ferramenta discursiva caracterizadora da mídia *Podcast* – a trilha sonora –, alheia à estruturação sintática, porém suscitadora de um efeito de tristeza, conferindo um “cenário” para, por exemplo, a leitura do diário, realizada por Noemi Jaffe. O tom de voz empregado pela filha de Lili Jaffe é marcado pela serenidade, mas, ao mesmo tempo, confere um sentido de urgência ao projeto de fala de Mizanzuki.

A questão que se coloca é: *As filhas da guerra* seria um documento testemunhal? O primeiro ponto a ser levantado é que a única instância subjetiva que oferece um testemunho é Lili Jaffe, pois foi ela quem vivenciou a realidade da deportação e, como sabemos, o testemunho é oferecido apenas por quem *estava lá*. O que o *podcast* disponibiliza é uma potencialização do livro de Noemi Jaffe, já que ele aglutina diversas reflexões que amparam tanto a entrevista com Lili quanto os escritos presentes em seu diário.

Diante do que foi exposto, destaquemos duas particularidades da mídia analisada em nosso artigo: em primeiro lugar, no plano da constituição, faz-se notória as potencialidades do *podcast*, mediante o mecanismo da edição, que permite justapor e relacionar diversas instâncias distintas. Em segundo lugar, considerado por Cristiane Dias (2018) o eixo central das inovações tecnológicas oferecidas pelas mídias digitais, temos o momento da *circulação*, que implica, fundamentalmente, no acesso do material e na configuração memorialística.

Para a pesquisadora brasileira, “as formas de circulação e replicação no meio digital são o próprio aqui e agora, singulares em sua aparição” (DIAS, 2018, p. 34). Essa relação dêitica instituída entre o *eu* junto às categorias de espaço e tempo, é marcada pela simultaneidade, isto é, por um saldo temporal reduzido entre a constituição e a disponibilização. Aqui, novamente, fazemos a diferenciação entre a literatura de testemunha tradicional e o testemunho discursivizado na mídia *podcast*. As condições de veiculação desses testemunhos dependiam de variantes cuja especificidade se diferencia do que se apresenta na contemporaneidade. Segundo Cristiane Dias (2018),

É pela circulação (compartilhamento, viralização, comentários, postagens, hashtags, memes, links...) que o discurso se formula e se constitui. De outro modo, diríamos que o discurso digital se formula ao circular. E isso faz diferença na produção dos sentidos. Essa mudança na ordem não quer estabelecer uma relação de anterioridade de um momento em relação ao outro, mas de perspectiva (DIAS, 2018, p. 29).

Não é razoável raciocinar aqui, e isso é enfatizado pelo excerto anterior, sob o prisma avaliativo, no sentido de que a contemporaneidade seria superior ao passado. O que temos, ao contrário, é uma implicação, oriunda desses elementos destacados pelo texto, e da volatilidade inerente à circulação. Em vista disso, à guisa de conclusão do tópico, é relevante lidar com a configuração da memória, algo significativo, levando em consideração a temática da *Shoah*, a partir dessa configuração tecnológica digital.

De acordo com Cristiane Dias (2018), o discurso digital opera uma construção tripartite da memória: em primeiro lugar, temos a *memória metálica*, relacionada à noção de arquivo e calcada na acumulação de dados; há, em decorrência desse primeiro elemento, a *memória digital*, caracterizada como uma categoria de contradição, pela qual “a memória escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição formal e se inscreve no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva)” (DIAS, 2018, p. 105).

O que pode ser extraído, na definição apresentada, é que a *memória metálica*, fruto da viabilização da tecnologia em sua visada digital, implica em uma modificação na dinâmica de funcionamento da *formulação, constituição e circulação*. Pensando em uma temática como a *Shoah*, infere-se que a discursivização pela mídia digital acarreta uma modificação nessa *memória discursiva*, conferindo outros horizontes de possibilidades e ressignificando estruturas outrora solidificadas.

Entretanto, há duas questões, passíveis de desenvolvimento em textos futuros, a serem consideradas como potenciais entraves: a primeira seria a saturação, em função da volatilidade da internet, que pode proporcionar um “inchaço” nessa *memória metálica*. O risco é a abertura de possibilidades para a banalização de temas urgentes e polêmicos; o segundo, paradoxal se considerarmos a conceituação apresentada à mídia *podcast* (FREIRE, 2017), diz respeito à limitação do acesso. Embora estejamos diante de um meio considerado democrático, que prima em conceder a voz àqueles que se encontram excluídos, esse tipo de tecnologia, em um país desigual como o Brasil, não possui uma entrada significativa nas camadas mais pobres de nossa sociedade.

A questão que se coloca é: embora saibamos da importância da iniciativa de Ivan Mizanzuki, quantas pessoas, realmente, têm acesso a seu projeto? Nesse sentido, é preciso resgatar uma característica ontológica da mídia *podcast* – o caráter democrático – e aplicar na sociedade como um todo, com a finalidade de oferecer um melhor acesso – uma circulação mais abrangente – e um espaço de inscrição para a pluralidade de vozes.

### **Considerações finais**

Ao término dessa jornada, destaquemos alguns pontos relevantes, concernentes à mudança de perspectiva oriunda da materialidade discursiva digital. Em primeiro lugar, é válido evocar as potencialidades pedagógicas, partindo de uma *articulação horizontal do conhecimento* que deve culminar na verticalização, isto é, na inserção do aluno como instância de protagonismo. Isto posto, pensando na ferramenta do *podcast*, esse aluno, em um primeiro momento, precisaria ter acesso a essa mídia, conhecendo suas ferramentas e acessando vários tipos de temáticas discursivizadas por ela. Em seguida, operando um deslocamento pedagógico, esse aluno poderia ser impulsionado a criar seus próprios conteúdos.

O segundo ponto diz respeito à modificação circunscrita à tecnologia digital nos chamados momentos de produção discursiva. Ao longo do texto, desenvolvemos alguns aspectos relacionados à *constituição* do discurso digital, elencando a mídia contemplada em nosso artigo. Com isso, foi possível perceber a distinção entre a *circulação* da literatura de testemunho e o mesmo momento discursivo na representação digital operada pelo *podcast*. O que há, nessa lógica, é uma modificação de perspectiva, que implica nos conceitos de memória e arquivo, daí o fato de Cristiane Dias (2018) nomear o momento da *circulação* como o mais proeminente, modificando os eixos da *formulação* e da *constituição*. Há um desmembramento memorialístico, que tem como ponto de partida a formação de uma *memória metálica*, que passa pela *memória digital* e culmina no *interdiscurso*.

Por fim, podemos extrair, embora saibamos das potencialidades democráticas do *podcast*, que há um problema de acesso, principalmente se pensarmos no quadro de desigualdade social apresentado no Brasil. Em vista disso, os usuários e mobilizadores da mídia em questão acabam sendo minoria, pertencentes a uma “bolha” quase intransponível. Com isso, esse mecanismo de concessão da voz ao outro – uma particularidade do *podcast* – precisa ser amparado pela concessão de oportunidades, e esse nos parece o grande desafio para que novas histórias, originárias de diversas camadas da sociedade, sejam narradas.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

AMOSSY, Ruth. L'espèce humaine de Robert Antelme ou les modalités argumentatives du discours testimonial. **Semen**, Paris, 17, 2004. Disponível em: <https://journals.openedition.org/semen/2362?&id=2362&lang=fr>. Acesso em: 06 jan. 2021.

ANTELME, Robert. **A espécie humana**. Tradução de Maria de Fátima Oliva do Coutto. Rio de Janeiro: Record, 2013.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2018.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Podcast na educação brasileira**: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação. 2013. 338 f. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14448>. Acesso em: 02 jan. 2021.

FREIRE, Eugênio Pacelli Aguiar. *Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional*. **Educação em revista**, Marília, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 55-70, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/7414>. Acesso em: 02 jan. 2021.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. **Conexão Letras**. Porto Alegre, RS, v. 3, n. 3, p. 1-6, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55604>. Acesso em: 03 jan. 2021.

GRINSHPUN, Yana. Introduction. De la victime à la victimisation: la construction d'un dispositif discursif. **Argumentation et Analyse du Discours**, 23, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aad/3400>. Acesso em: 03 jan. 2021.

JAFFE, Noemi. **O que os cegos estão sonhando?** Com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945). 1. ed. 2. reimp.. São Paulo: Editora 34, 2019 [2012].

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discursos e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MIZANZUKI, Ivan. *As Filhas da Guerra*. **Projeto humanos** (Uma produção do *Anticast*), Curitiba, 2015. Disponível em: [http:// https://www.projetohumanos.com.br/temporada/as-filhas-da-guerra/](http://https://www.projetohumanos.com.br/temporada/as-filhas-da-guerra/). Acesso em: 06 jan. 2021.

POLLAK, Michael. **L'expérience concentrationnaire**. Paris: Éditions Métailié, 1990.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão do testemunho de catástrofes históricas. **PSIC. CLIN**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 jan. 2021.

WIESEL, Elie. **A noite**. Tradução de Irene Ernest Dias. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.